

## RESENHA

Book Review

### **THE BEIJING CONSENSUS: HOW CHINA'S AUTHORITARIAN MODEL WILL DOMINATE THE TWENTY-FIRST CENTURY<sup>1</sup>**

*Gustavo Resende Mendonça<sup>2</sup>*

A ascensão chinesa é um tema que desperta grande interesse na comunidade acadêmica e no mercado editorial norte-americano. Mensalmente, diversas obras (acadêmicas e não-especializadas) são lançadas sobre as consequências do crescimento chinês e sobre como os Estados Unidos deveriam responder ao desafio do gigante asiático. *The Beijing Consensus* se destaca da plethora de obras genéricas sobre a China ao focar-se nos aspectos ideacionais do crescimento chinês. Stefan Halper, acadêmico de Cambridge e experiente funcionário do Departamento de Estado Norte-Americano, inova ao propor que a atratividade do modelo político-econômico chinês (autoritário e capitalista) é o principal fator de erosão da influencia norte-americana no sistema internacional.

Inicialmente, Halper enuncia os mitos e realidades acerca das ameaças colocadas pela ascensão chinesa. O autor avalia que percepções comuns acerca da ameaça chinesa se concentram em três temas: Taiwan, dependência econômica e corrida armamentista. *The Beijing Consensus* argumenta que, embora as três ameaças sejam preocupantes, elas encontram-se relativamente equacionadas. Em primeiro lugar, em termos convencionais, o poderio bélico norte-americano tem se ampliado em relação à

---

<sup>1</sup> HALPER, Stefan (2010). *The Beijing Consensus: How China's Authoritarian Model Will Dominate The Twenty-First Century*. New York: Basic Books, 296 pp. ISBN 978-0-465-01361-6.

<sup>2</sup> Mestre em Relações Internacionais pela UNB. Gerente do núcleo de estatística da Divisão de informação Comercial do MRE. gusresende@gmail.com

capacidade militar chinesa. Halper conclui que, no futuro previsível, os Estados Unidos seguirão com a maior potência bélica mundial e que o partido Comunista Chinês não está disposto a iniciar uma custosa corrida armamentista com Washington. Halper também avalia que o dilema de Taiwan encontra-se estabilizado por um delicado e engenhoso arranjo diplomático. Na prática, os Estados Unidos reconhecem a existência de apenas uma China e o Partido Comunista Chinês descarta a opção de uma unificação forçada. Por fim, embora a China tenha se tornado a maior credora internacional dos Estados Unidos, Halper afirma que a economia chinesa depende dos consumidores norte-americanos e dos investimentos das empresas ocidentais. Em certo sentido, China e Estados Unidos estão ligados por uma dinâmica de destruição econômica mutuamente assegurada. O argumento central de *The Beijing Consensus* é que o maior desafio derivado da ascensão chinesa é de natureza ideológica. Duas tendências internacionais concorrem para solapar o poder norte-americano e fortalecer a influência chinesa: a expansão do Capitalismo Estatal (o consenso de Beijing) e a crescente relevância econômica dos países emergentes.

O segundo capítulo trata da ascensão e da queda do Consenso de Washington. Halper usa o Consenso de Washington como metáfora para o *Soft Power* derivado da fusão ocidental de liberalismo político e capitalismo de livre-mercado. O fim da Guerra fria resultou na crença de que o modelo ocidental de democracia capitalista seria disseminado para todo o mundo. O crescimento do *Soft Power* norte-americano se traduziu em prescrições econômicas para os países emergentes e para as economias socialistas em transição. Um conjunto de medidas e receitas econômicas inspiradas pelo modelo norte-americano e chanceladas pelas organizações econômicas internacionais, o Consenso de Washington, foi adotado por grande parte dos países em desenvolvimento, fato que acelerou o processo de globalização. No entanto, ao final da década de 1990, ficou claro que o Consenso de Washington havia falhado e que o mundo em desenvolvimento estava sequioso por um novo modelo econômico. Halper argumenta que o capitalismo dirigido pelo Estado chinês tem ocupado o vácuo ideológico legado pelo Consenso de Washington e que o Banco Central Chinês está lentamente assumindo as funções do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, ao financiar

empréstimos e projetos de desenvolvimento na África e América Latina sem as condicionalidades inerentes ao Consenso de Washington.

Posteriormente, Halper descreve os impactos de diversas iniciativas chinesas em países em desenvolvimento, especialmente na África. O argumento central é que a ascensão chinesa é corroborada por inúmeras iniciativas de ajuda humanitária e cooperação comercial que estão progressivamente solapando o *soft power* norte-americano. As relações da China com os países em desenvolvimento são norteadas pelo pragmatismo, pela necessidade de obter recursos naturais para fomentar a economia chinesa, por interesses comerciais e, marginalmente, pela intenção de diminuir a influência e o poder ocidental em regiões estratégicas do globo. O efeito colateral do pragmatismo chinês é o fortalecimento de regimes autoritários na África, uma vez que as sanções ocidentais perdem força frente à alternativa chinesa de financiamento. Ao contrário da ajuda ocidental, o financiamento chinês é livre de condicionalidades e ignora violações de direitos humanos. Os projetos chineses de cooperação também se beneficiam de um sistema de tomada de decisão centralizado e podem ser concluídos muito mais rapidamente do que suas contrapartes ocidentais.

O modelo econômico chinês, o Capitalismo Estatal, e suas vantagens competitivas são abordados no capítulo quatro. Halper pondera que o modelo chinês oferece a promessa da eficiência dos mercados aliada à estabilidade do autoritarismo. Ademais, o Capitalismo Estatal oferece vantagens adicionais ao permitir que o Estado manipule o mercado para avançar sua própria agenda política. O bem-sucedido modelo de inserção internacional da China também oferece poderosos incentivos para a disseminação do Capitalismo Estatal. As relações comerciais da China visam, em primeiro lugar, obter recursos naturais e explorar novos mercados potenciais. Não obstante, a China tem cuidadosamente explorado seus recursos econômicos e seu poder de barganha para lograr diversas vitórias diplomáticas. Halper observa que a diplomacia comercial chinesa já logrou isolar Taiwan em diversas regiões. Os parceiros africanos da China também apóiam o país asiático em diversas organizações multilaterais. Na esfera econômica, a China tem se tornado cada vez mais relevante na Organização Mundial do Comércio e conseguiu que diversas nações a reconhecessem com uma

economia de mercado. Para as nações emergente, ansiosas por lograr maior reconhecimento internacional, os sucessos das iniciativas diplomáticas chinesas torna o Capitalismo Estatal ainda mais atrativo.

O quinto capítulo aborda o “mito da inevitabilidade” e percepção ocidental de que a China está progressivamente se integrando responsabilmente à comunidade internacional. O “mito da inevitabilidade” é baseado no triunfalismo ocidental que tomou lugar após o fim da Guerra Fria e o colapso do comunismo. Em síntese, o “mito da inevitabilidade” enuncia que a interdependência econômica, a modernização e o contato com as ideias ocidentais tornarão a China uma nação responsável e, talvez, uma democracia. Não obstante, Halper avalia que o Capitalismo de Estado teve origem na necessidade do Partido Comunista em obter recursos para legitimar sua sobrevivência política. Em resumo, a abertura econômica chinesa é motivada pelos interesses domésticos do Partido Comunista e a continuidade do processo de liberalização está condicionada à agenda do regime autoritário chinês. De fato, os crescentes recursos oriundos dos investimentos externos e das exportações são, na verdade, a principal razão da sobrevivência do regime comunista chinês. Em certo sentido, a globalização garantiu que a democracia não germinasse na China, fato diametralmente oposto às conclusões do “mito da inevitabilidade”.

O capítulo final da obra critica o engajamento de Washington com Beijing. Segundo Halper, o debate norte-americano sobre o problema chinês foi capturado por grupos de interesses que se focam em apenas pequenos aspectos do relacionamento bilateral. Os grupos conservadores denunciam o fortalecimento militar da China, os protecionistas criticam as aquisições chinesas de ativos norte-americanos e o grande déficit comercial do comércio bilateral, os ativistas dos direitos humanos questionam a repressão ao Tibete e a censura e, por fim, existem aqueles que nutrem a ilusão do G-2, uma aliança entre as duas maiores economias do mundo que decidirá os principais temas da agenda internacional. Halper critica a natureza parcial dessas visões sobre a China e enfatiza a necessidade de uma visão holística sobre o problema chinês. O autor também argumenta que os tomadores de decisão em Washington devem se concentrar

no aspecto ideológico da ascensão chinesa. Deter a ascensão do Capitalismo de Estado deveria, segundo Halper, se a prioridade premente dos Estados Unidos.

Finalmente, as conclusões de Halper enunciam iniciativas para contrabalancear o *Soft Power* Chinês e fortalecer a influência norte-americana no sistema internacional. Em primeiro lugar, Washington deveria explorar as fraquezas chinesas. Diversas nações temem a concorrência econômica das empresas chinesas e a crescente influência geopolítica do gigante asiático. Os Estados Unidos deveriam se valer do medo derivado do crescimento chinês para solapar o *Soft Power* da nação comunista. Em segundo lugar, o autor pondera que Washington deveria tomar uma série de medidas domésticas destinadas a fortalecer o poder norte-americano. Os Estados Unidos deveriam equilibrar o déficit orçamentário, investir em infraestrutura, obter independência energética e incentivar a internacionalização das empresas norte-americanas para ampliar a atratividade do modelo liberal e democrático. Por fim, seria salutar criar alianças com países como Índia, Japão e Rússia – rivais naturais da China – para diminuir a influência chinesa em sua área natural de atuação.

*The Beijing Consensus* esclarece as nuances do pensamento norte-americano sobre a potência emergente da China. Os desafios colocados pela ascensão chinesa são sustentados por três argumentos. Em primeiro lugar, *The Beijing Consensus* explora o argumento do parceiro irresponsável, uma crítica recorrente nas obras contra a ascensão chinesa (e de outras potências emergentes). Em síntese, o argumento do parceiro irresponsável enuncia que a China e outras nações em desenvolvimento não são atores internacionais confiáveis porque seus valores diferem significativamente dos valores que orientam as instituições do sistema internacional (CASTAÑEDA, 2010: 6). Em segundo lugar, *The Beijing Consensus* expressa a desconfiança norte-americana acerca do modelo econômico chinês: o Capitalismo de Estado. O Capitalismo de Estado é caracterizado pela combinação de autoritarismo com economia de mercado e pela manipulação do mercado pelo Estado (BREMNER, 2010: 23). Finalmente, existe o argumento da inevitabilidade de conflito entre as democracias e os Estados autoritários. Os três argumentos são comuns na literatura sobre o crescimento chinês e localizam a

rivalidade sino-americana nas características intrínsecas do Estado chinês, não no delicado equilíbrio de poder do sistema internacional.

A inovação de Halper é, justamente, definir a rivalidade entre Estados Unidos e China em termos ideacionais. O autor argumenta que a crise internacional e a administração Bush enfraqueceram o Soft Power norte-americano, enquanto o sucesso econômico chinês e o vácuo ideológico deixado pelo fracasso do Consenso de Washington proporcionaram a ascensão do Capitalismo de Estado. Segundo Halper, as potências emergentes intermediárias (Brasil, Índia, Rússia, Indonésia e outras) serão o palco da batalha ideológica do século XXI. O autor pondera que o capitalismo liberal será triunfante apenas se os Estados Unidos puderem demonstrar as virtudes e eficácia do modelo. *The Beijing Consensus* pode, obviamente, ser acusado de emitir juízos de valor e de construir uma perspectiva essencialmente norte-americana. Não obstante, o principal valor da obra para o leitor brasileiro é oferecer uma nova perspectiva para a dinâmica do relacionamento bilateral que definirá as relações internacionais do século XXI.

## REFERÊNCIAS

BREMMER, Ian. *The End of the Free Market: Who Wins the War Between States and Corporations*. New York: Portfolio, 2010.

CASTAÑEDA, Jorge. Not ready for Prime time. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/66577/jorge-g-castaneda/not-ready-for-prime-time>. Acesso em: 31 de dezembro de 2010.